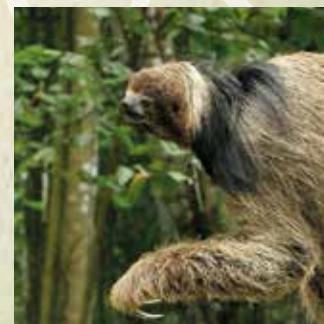
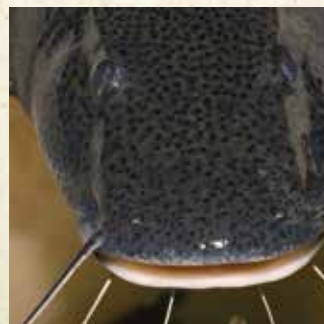




ABRACE ESSAS DEZ!

*Defenda todas as espécies
ameaçadas de extinção*



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Luiz Fernando de Souza

Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO AMBIENTE (SEA)

André Corrêa

Secretário

Isaura Maria Ferreira Frega

Subsecretária de Mudanças Climáticas e Gestão Ambiental

Denise Marçal Rambaldi

Superintendente de Biodiversidade e Florestas

ABRACE ESSAS DEZ!

Defenda todas as espécies ameaçadas de extinção

RIO DE JANEIRO, 2015



Apoio:



Serviço de
Educação Ambiental

Apresentação

Essa publicação é produto gerado a partir da campanha **Abrace essas Dez - Defenda todas as Espécies Ameaçadas de Extinção**, desenvolvida pela Secretaria de Estado do Ambiente (SEA) em parceria com o Instituto Biomas e o Serviço de Educação Ambiental do Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ), e que tem dois grandes focos: sensibilizar e mobilizar a sociedade fluminense sobre a fauna ameaçada e contribuir para a formulação de políticas públicas de resgate e conservação, em apoio às pesquisas e à educação ambiental como promotoras de mudanças no status de conservação dessas espécies ameaçadas.

Aqui apresentamos as dez espécies da fauna mais ameaçadas de extinção encontradas no Estado do Rio de Janeiro e respectivos habitats. As imagens reunidas na **Abrace essas Dez** retratam os olhares distintos de fotógrafos da natureza, vencedores de um concurso público promovido pela SEA em conjunto com a Associação de Fotógrafos de Natureza (AFNATURA).

As dez espécies aqui retratadas foram selecionadas segundo critérios técnicos que as identificaram como aquelas sob maior pressão e risco de extinção, com ocorrência no território fluminense – algumas delas endêmicas como o mico-leão-dourado, o formigueiro-do-litoral e

o lagarto-branco-da-areia, o que as torna ainda mais vulneráveis. Todas constam nas listas de espécies ameaçadas de extinção publicadas pelo Ministério do Meio Ambiente.

Habita o Estado do Rio de Janeiro um número muito maior de espécies da fauna ameaçadas de extinção do que as dez aqui representadas. Conhecer seus hábitos, onde vivem e a situação de seus habitats é o primeiro passo para a sensibilização e o envolvimento da sociedade em iniciativas de proteção e conservação. Ao abraçar essas dez, estaremos assegurando a conservação de habitat para inúmeras espécies ameaçadas.

A publicação é voltada para toda a sociedade, sobretudo aos amantes da natureza. Conhecer nossa biodiversidade e nossas áreas protegidas é fundamental para o sucesso das ações de conservação. Visitando, por exemplo, os parques federais, estaduais e municipais, nossos leitores poderão ver muitos destes habitats e, quem sabe, até algumas das espécies listadas nesta publicação.

Boa leitura e não se esqueça: **Abrace essas Dez - Defenda todas as Espécies Ameaçadas de Extinção!**

ANDRÉ CORRÊA

Secretário de Estado do Ambiente do Rio de Janeiro



ABRACE ESSAS DEZ!

Defenda todas as espécies ameaçadas de extinção

Se, de um lado, a Mata Atlântica é uma das florestas mais ricas em biodiversidade no Planeta, com diversas espécies da fauna e da flora em suas variadas formações florestais, de outro, o bioma vem sofrendo um intenso processo de ocupação e exploração das suas riquezas, em curso desde que os portugueses aqui chegaram.

Nos 17 estados brasileiros de domínio da Mata Atlântica, dentre os quais se insere o Rio de Janeiro, vivem 62% da população do país. Nesse contexto, é inevitável que os animais nativos desta floresta sejam impactados por atividades como caça e pesca predatórias, desmatamento ou descaracterização de habitats, em geral decorrentes da introdução de espécies exóticas, da expansão da agricultura e pecuária, do crescimento desordenado das cidades e do mau planejamento de obras de infraestrutura.

Visando conscientizar, mobilizar e dar à sociedade instrumentos para ações que protejam o meio ambiente, a Secretaria de Estado do Ambiente (SEA) criou a campanha **Abrace essas Dez**. Ao apresentar uma seleção de espécies nativas da Mata Atlântica ameaçadas de extinção, o projeto busca ser uma ferramenta de apoio a iniciativas de preservação e à formulação de políticas públicas que contribuam para a mudança do status de conservação desses dez animais.

Nesse sentido, esta publicação reúne informações resumidas sobre cada uma das dez espécies, como elas vivem em seus habitats e o que as ameaça, além das fotografias vencedoras do concurso promovido pela SEA em parceria com a Associação de Fotógrafos de Natureza (AFNATURA), responsável pela seleção das imagens que, durante quatro meses, ficaram expostas no chamado Encontro das Águas – Espaço do Ambiente, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas.

O certame fotográfico foi organizado para divulgar e engajar a população na campanha, já que apenas a legislação e as ações de controle e fiscalização não têm sido suficientes para reverter o risco de extinção que ameaça essas espécies. Por essa razão, cabe a toda a sociedade, e a cada um de nós, cidadãos, cobrar dos órgãos públicos a adoção de medidas protetivas e de caráter preservacionista, como a criação e manutenção de unidades de conservação e corredores ecológicos em áreas de relevância ambiental, o controle sobre espécies exóticas invasoras, a reintrodução de espécies nativas, o desenvolvimento de pesquisas, entre outras providências capazes de garantir a sobrevivência harmônica e a reprodução das espécies em seus habitats naturais.

Superintendência de Biodiversidade e Florestas
Secretaria de Estado do Ambiente do Rio de Janeiro



Jacutinga

(*Aburria jacutinga*)

É uma ave de porte grande que habita a Mata Atlântica e vive, preferencialmente, em copas de árvores. Um de seus alimentos mais constantes é o fruto do palmito-juçara. Chega a se alimentar vários dias seguidos em árvores com grande quantidade de frutos e parece guardar na memória a época do ano e o local onde eles amadurecem, repetindo, de ano em ano, rotas pré-determinadas com as árvores preferidas. Faz seus ninhos nas forquilhas dos galhos mais altos e protegidos, colocando de dois a quatro ovos. Com trinta dias os filhotes já sabem voar.

No Estado, apesar da dificuldade, essa espécie pode ainda ser vista no município de Itatiaia, onde habita áreas baixas de florestas densas e úmidas da bacia do Rio Paraíba do Sul. Embora existam antigos registros de ocorrência dela em alguns municípios, como São Fidélis, Cantagalo, Teresópolis e Parati, e também em algumas unidades de conservação, tais como o Parque Nacional da Serra da Bocaina, a Reserva Biológica do Tinguá e o Parque Estadual do Desengano, supõe-se que os impactos do desmatamento e da caça acabaram por extinguir a espécie nestes locais.



Mico-leão-dourado

(Leontopithecus rosalia)



Pequeno primata que vive em grupos familiares de dois até 14 indivíduos, com uma média de 12 anos de vida. Para abrigar-se de predadores e das chuvas, o grupo todo costuma dormir em ocos de árvores.

Originalmente encontrado nas florestas de toda a baixada litorânea do Estado do Rio de Janeiro; hoje as populações estão fragmentadas e dispersas por oito municípios da Região dos Lagos. Os principais refúgios de existência da espécie estão nas reservas biológicas de Poço das Antas e União, respectivamente abrangidas pelos municípios de Silva Jardim e Casimiro de Abreu. Essas áreas representam apenas 2% do hábitat original da espécie na Mata Atlântica. A perda e fragmentação do hábitat são consideradas as principais causas da ameaça de extinção.

Cágado-do-paraíba

(*Mesoclemmys hogei*)

Uma das características mais interessantes desse quelônio é a cor intensa de alguns indivíduos quando encontrados em seu hábitat natural; em cativeiro costumam perder esse colorido. Na natureza, vivem em grupos com poucos membros, sendo encontrados em regiões baixas da bacia do Rio Paraíba do Sul.

O cágado-do-paraíba é uma espécie muito sensível e vem sofrendo com a pesca, o desaparecimento da mata ciliar e a construção de usinas hidrelétricas nos rios dessa bacia, o que impede as condições de hábitat favoráveis à sua reprodução. A erosão das margens, o assoreamento do leito e a poluição das águas dos rios por indústrias são as principais ameaças.





Surubim-do-paraíba

(Steindachneridion parahybae)

Bagre de grande porte, é considerado uma das poucas espécies nobres da bacia do Rio Paraíba do Sul, com habitat preferencial em locais não muito fundos e próximos a fortes corredeiras. Atinge cerca de 60 cm de comprimento e costuma se alimentar de peixes e crustáceos, possuindo hábitos noturnos. Foi muito importante para a pesca artesanal no rio, atividade hoje bastante reduzida. Atualmente a população encontra-se muito reduzida, sendo necessárias pesquisas voltadas para o repovoamento da espécie em seu habitat natural. Nesse sentido, atualmente o Projeto Piabanha, em Itaocara (RJ), como também a Companhia Energética de São Paulo, em Paraibuna, vem aprimorando técnicas de reprodução induzida da espécie, utilizando critérios genéticos com o objetivo de aumentar o número populacional no ambiente natural através de ações de repovoamento. Essas instituições mantêm bancos genéticos supervisionados por pesquisadores do Laboratório de Genética de Peixes e Aquicultura da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). A industrialização crescente e a acelerada degradação ambiental da bacia são as principais ameaças.

Lagarto-branco-da-areia

(*Liolaemus lutzae*)



Réptil de coloração clara que possibilita a camuflagem na areia e faz com que passe quase despercebido no meio em que vive. É mais facilmente encontrado pela manhã, até as 10h, horário em que o sol é mais fraco, junto à vegetação onde vivem os insetos, seu alimento preferencial, em ambientes ricos em orquídeas, bromélias e cactos.

É uma espécie endêmica do Estado do Rio de Janeiro, vivendo apenas nos habitats de praias de restinga, como Grumari e Guaratiba, no município do Rio, e na região de Massambaba, Região dos Lagos. A valorização dessa parte do litoral tem atraído uma grande população, resultando em um processo de urbanização acelerado e no conseqüente desequilíbrio do ambiente natural.



Formigueiro-do-litoral

(*Formicivora littoralis*)

Conhecido popularmente como concon ou conconha, o formigueiro-do-litoral é a única espécie de ave endêmica de restinga em todo o litoral do Brasil. É ave de voo curto e, apesar do nome, não se alimenta apenas de formigas. No seu cardápio também estão incluídas larvas e mariposas. Faz seus ninhos nas áreas de vegetação baixa perto da praia, locais caracterizados pela grande diversidade de plantas, muitas raras e endêmicas. Por habitar área de distribuição restrita, essa espécie pode ser encontrada ao longo da Restinga de Massambaba, na Região dos Lagos, Estado do Rio, especialmente na Praia do Però, em Cabo Frio.

Atualmente, grande parte da restinga da Região dos Lagos foi inserida no Parque Estadual da Costa do Sol, criado, sobretudo, para proteger a espécie. A principal causa da extinção dessa ave é o desmatamento e a consequente perda de hábitat. As restingas do Estado do Rio, sobretudo da Região dos Lagos, estão pressionadas pela construção de condomínios e loteamentos.



Muriqui

(*Brachyteles arachnoides*)

O muriqui-do-sul, ou mono carvoeiro, é o maior primata das Américas, podendo atingir 15 kg. É exclusivamente brasileiro e seu hábitat é a Mata Atlântica. Os muriquis são vegetarianos e costumam ser muito pacíficos e sociáveis, vivendo em grupos de até 35 integrantes. Possuem o hábito de trocar frequentes e calorosos abraços. A gestação das fêmeas dura em média 230 dias, nascendo apenas um filhote a cada três anos. Essa baixa taxa de reprodução, aliada à grande redução da Mata Atlântica, contribuiu para sua extinção. No Estado do Rio, a população de muriquis encontra-se praticamente confinada em unidades de conservação federais e estaduais. Na região Sul Fluminense, na Área de Proteção Ambiental do Cairuçu e no Parque Nacional da Serra da Bocaina. Na região do Médio Paraíba do Sul, no Parque Nacional de Itatiaia. Já na Região Serrana, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, no Parque Estadual dos Três Picos, no Parque Estadual do Cunhambebe e no Parque Estadual do Desengano, e, na região da Baixada Fluminense, somente na Reserva Biológica do Tinguá. No Parque Nacional do Itatiaia recentemente foi confirmada a presença do muriqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*), espécie mais ameaçada do que o muriqui-do-sul (*B. arachnoides*). Com isso, o Estado do Rio é o único a possuir as duas espécies em seu território.



Boto-cinza

(Sotalia guianensis)

O boto-cinza é uma espécie costeira que ocorre ao longo de todo o litoral do Estado do Rio de Janeiro. Pode ser observado todos os dias nas baías de Guanabara, Sepetiba e Ilha Grande. Os botos vivem em grupo e são muito sociáveis. São ótimos saltadores, podendo atingir mais de dois metros acima da água. As fêmeas geram um único filhote a cada dois ou três anos, que nasce com cerca de 90 cm, depois de uma gestação de 12 meses. A fêmea amamenta por um ano. Os adultos medem cerca de 1,90 m e vivem até trinta anos. Nas baías de Sepetiba e Ilha Grande, as populações têm cerca de mil indivíduos em cada uma, podendo ser encontradas agregações de mais de 200 exemplares. Porém, na Baía de Guanabara, os botos-cinza estão muito ameaçados e sua população não ultrapassa 40 indivíduos. A sobrepesca tem diminuído muito sua capacidade de alimentação. Além disso, a poluição química e acústica, a construção de portos e a ocupação urbana também prejudicam o ambiente em que o boto-cinza vive.

Tatu-canastra

(Priodontes maximus)

O tatu-canastra é típico do cerrado, mas habita também a Mata Atlântica. É o maior e mais raro tatu do planeta, sendo considerado um mamífero de hábitos noturnos e solitários. Seu corpo é quase desprovido de pelos, apresentando esparsos fios duros. Enxerga e ouve mal, mas tem olfato bem aguçado. Ele é encontrado em regiões campestres, inclusive em elevadas altitudes, perto de riachos e lagoas no norte e no sul do Estado e junto às divisas do Estado do Rio com o Espírito Santo e Minas Gerais. São observados próximo ao Parque Nacional do Caparaó, na divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, região que abriga áreas de transição do cerrado para a Mata Atlântica.

A espécie está ameaçada de extinção devido à caça e à fragmentação de seu hábitat.





Preguiça-de-coleira

(*Bradypus torquatus*)

É uma espécie endêmica da Mata Atlântica brasileira. Caracteriza-se por uma pelagem espessa de cor castanho claro, uniforme por todo o corpo, sem distinção entre o dorso e o abdome, e uma coleira de pelos longos e pretos ao redor do pescoço, mais longa e nítida na região mediana do dorso. É a maior e mais pesada das preguiças do gênero, podendo atingir 10 kg de massa corpórea. Possui hábito arborícola restrito e dieta composta por espécies de árvores e cipós. Os indivíduos vivem

solitariamente em áreas de vida que raramente excedem a dez hectares. As fêmeas produzem apenas um filhote por ano, que atinge a independência entre oito e dez meses de vida, quando abandona a área da mãe "migrando" para outro local. É nessa fase que os indivíduos são mais atacados por felinos e outros predadores, pois são pequenos e inexperientes, descendo ao chão com frequência durante as movimentações pela mata. Habitam florestas de baixada, como a Floresta da Tijuca, e também de altitude, de clima mais ameno, como em Friburgo, Cachoeiras de Macacu e Teresópolis.

Além da caça, a fragmentação do habitat devido à extração de madeira, à produção de carvão e à ocupação urbana é a causa da extinção.

Imagens para refletir

A Associação de Fotógrafos de Natureza (AFNATURA) sabe que a fotografia é responsável pelo imaginário popular e um dos instrumentos mais contundentes para sensibilizar e informar a sociedade sobre a nossa natureza. E foi com essa missão que se uniu à SEA para criar o **Concurso Abrace essas Dez!**, uma das ações da campanha de preservação dos animais ameaçados de extinção.

No concurso, aberto a todos os fotógrafos, premiou-se o registro dos diversos ambientes naturais que compõem a paisagem do Estado do Rio de Janeiro e que abrigam as espécies ameaçadas. Para evitar stressá-los, não seria obrigatório que as imagens mostrassem os animais. Na intenção de protegê-los, bastaria evidenciar a natureza nos locais onde eles vivem. As fotografias de referência das dez espécies seriam fornecidas pela AFNATURA.

Esta publicação é o resultado dessa ação, que surpreendeu pela intensa adesão da população de todo o Estado e nos brinda com uma abrangente coleção de imagens.

Imagens que mostram a singularidade dessas espécies ameaçadas.

Imagens que traduzem a frágil relação entre a conservação do hábitat e o perigo de extinção.

Imagens que nos fazem refletir. Afinal, são dez vidas, dez modos de existir que só dependem de nossas ações para continuar interagindo com o planeta.

RICARDO SIQUEIRA
Diretor de Projetos AFNATURA

1º lugar



Fabio Moita

Campos de altitude no Parque Nacional de Itatiaia, o primeiro parque nacional do Brasil, estabelecido em 1937.
Itatiaia (RJ)

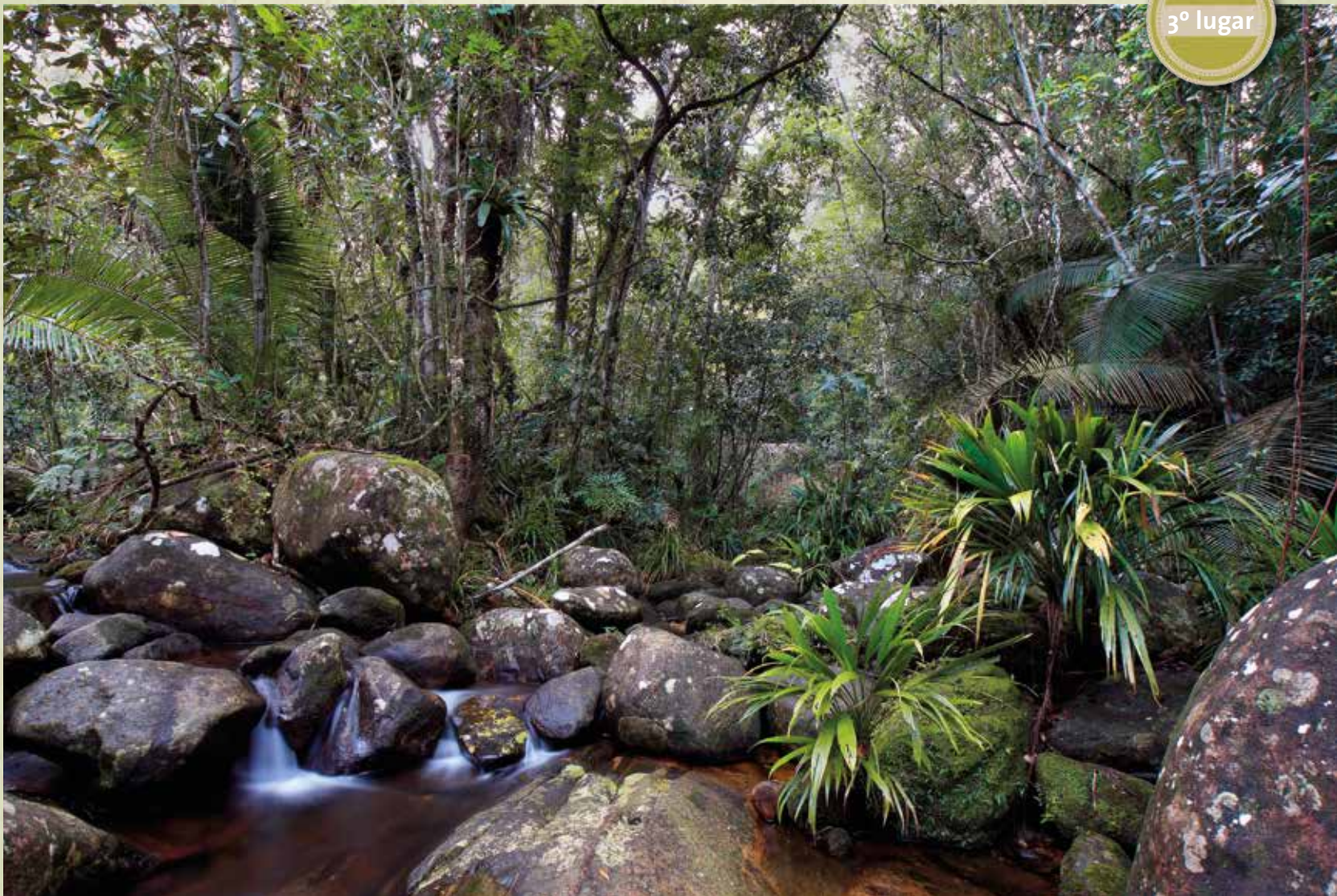
2º lugar



Daniel Tardioli

Botos-cinza nadam nas águas da Baía de Guanabara,
hoje uma cena muito rara.
Rio de Janeiro (RJ)

3º lugar



Eriberto Almeida

Foz do Rio Grande, final do Saco do Mamanguá, ambiente constituído pela integração de diferentes ecossistemas com o mar e importante berçário marinho.
Paraty (RJ)

4º lugar



Eduardo Sengés

Restinga da Marambaia, com seu imenso cordão de areia formando 42 km de praias.
Rio de Janeiro, Itaguaí e Mangaratiba (RJ)

5º lugar



Eduardo Abraços

Mico-leão-dourado na área de Búzios, encerrando a dúvida de que havia indivíduos dessa espécie na região.
APA Pau-Brasil – Armação de Búzios (RJ)

6º lugar



Pablo Jacob

Expedição feita à Região Serrana do Rio de Janeiro, à procura dos poucos exemplares do muriqui, um dos candidatos a mascote da Olimpíada de 2016.
Teresópolis (RJ)

7º lugar



Claudio Prisco

Imagem que resume o hábitat de pelo menos três espécies, o mурiqui, a preguiça-de-coleira e o boto-cinza, na baía ao fundo.
Serra do Ôrgãos – Teresópolis (RJ)

8º lugar



Flávio Varricchio

Momento de harmonia e luz inundando as
matas da Reserva Biológica do Tinguá.
Petrópolis (RJ)

9º lugar



Leonardo Flach

O monitoramento de grupos de botos-cinza e o esforço para a manutenção de áreas importantes, como os manguezais, contribuem para a preservação da espécie.

Manguezal de Itacuruçá – Mangaratiba (RJ)

1º lugar



Fabio Bernardino

Matéria orgânica na praia trazida pela ação das chuvas.
Paraty (RJ)

11º lugar



Marcelo de Paula

O encontro entre a floresta, o mangue e o mar torna a Ilha Grande um enorme conjunto de ecossistemas.
Angra dos Reis (RJ)

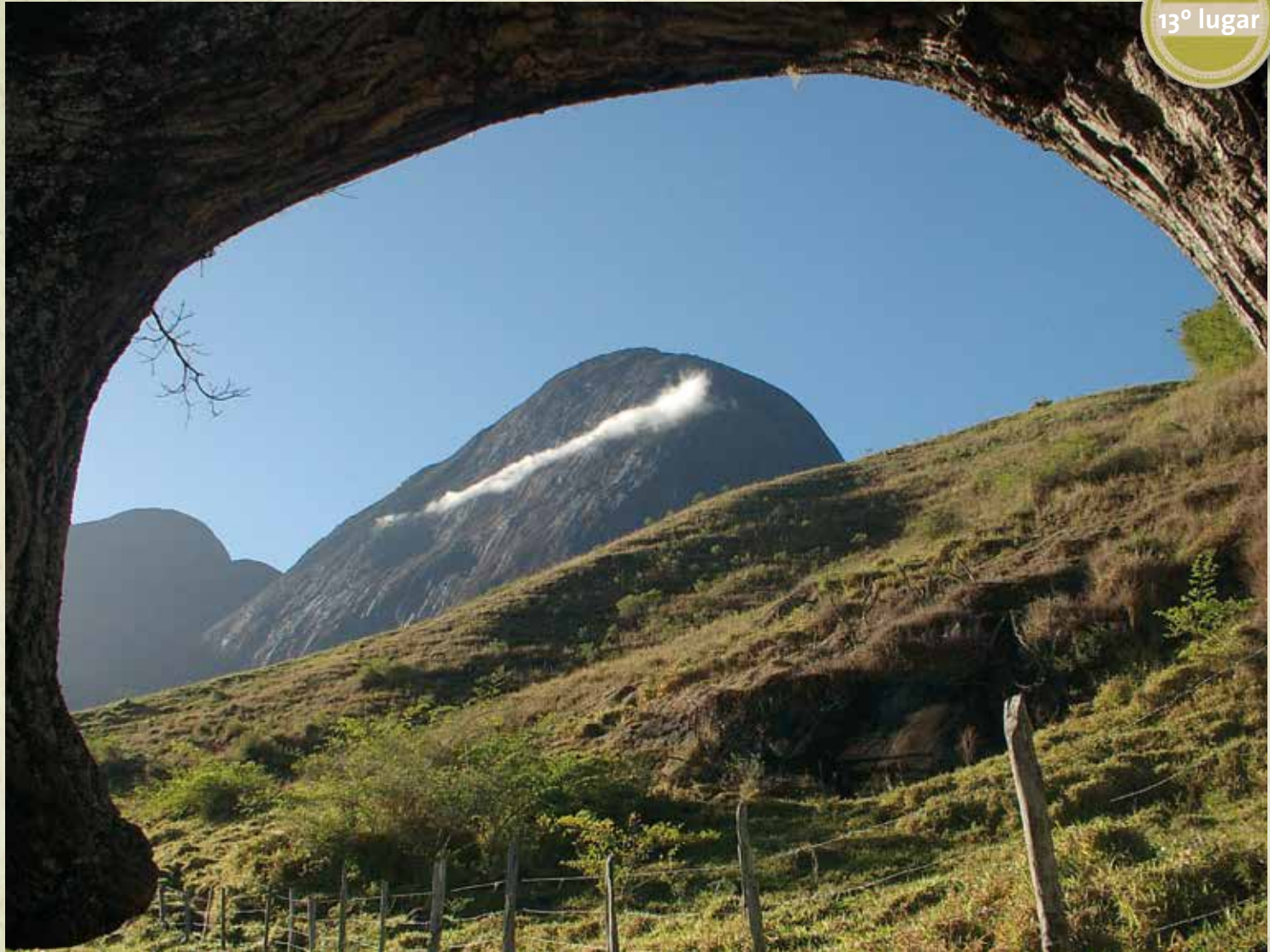
12º lugar



AC Junior

A Floresta da Tijuca é fruto de um grande reflorestamento iniciado em 1861. Em 13 anos foram plantadas cem mil mudas, o que fez dela a terceira maior floresta urbana do Brasil.
Rio de Janeiro (RJ)

13º lugar



Fabio Migliari

Árvore do Arco emoldura a última área contínua de Mata Atlântica do Norte Fluminense no Parque Estadual do Desengano.
Santa Maria Madalena (RJ)

14° lugar



Cristiana Isidoro

Corredeiras no Rio Paraíba do Sul,
próximo à Ilha do Capixete.
Itaocara (RJ)

15º lugar



Claudio Prisco

Uma rara concentração de palmeira-juçara, espécie da Mata Atlântica que tem sido bastante cortada para extração do palmito. Guapimirim (RJ)



Luciana Guimarães

Boto-cinza e filhote na baía da Ilha Grande.
Angra dos Reis (RJ)



Ângelo Duarte

Preguiça atravessa estrada em Tinguá, de onde foi retirada por policiais militares para ser conduzida ao Ibama.
Nova Iguaçu (RJ)



Christian Spencer

Tempestade de raios no Parque Nacional de Itatiaia.
Itatiaia (RJ)





Dimitrius Borja

Após uma madrugada com termômetros marcando -10°C , o dia amanheceu com surpresas.
Maciço de Itatiaia (RJ)



Alberto Fernandes Jr.

Praia de Mambucaba.
Angra dos Reis (RJ)



Dilmar Cavalher

Lagarto passeia na Restinga da Marambaia.
Rio de Janeiro (RJ)



Direitos desta edição da Secretaria de Estado do Ambiente (SEA).
Superintendência de Biodiversidade e Florestas (SBF).
Av. Venezuela, 110 – Saúde
CEP 20081-312 – Rio de Janeiro – RJ

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em:
www.rj.gov.br/web/sea
www.facebook.com/abraceessasdez

Direção de projeto
Ricardo Siqueira (AFNATURA)

Assessoria técnica
Ana Karina Gomes (SBF/SEA)

Organização
Maria Teresa de Jesus Gouveia (Serviço de Educação Ambiental/JBRJ)

Texto
Rafael Santos Nunes de Carvalho

Revisão
Sandro Carneiro e Thayrine Kleinsorgen (Geiat/Inea)

Revisão técnica
Alba Simon

Fotos
Páginas 4 e 11: **Fabio Colombini**
Página 5: **Gustavo Pedro**
Página 6: **Fernando Matias**
Páginas 7 e 10: **José Caldas**
Página 8: **Lena Trindade**
Páginas 9, 12 e 13: **Luiz Claudio Marigo**
Contracapa: **Ricardo Siqueira**

Projeto gráfico e diagramação
Miriam Lerner

Agradecimentos a Guilherme Souza, Alexandre de Freitas Azevedo, Fernando Matias, Maria Alice dos Santos Alves, Paula Breves, Izar Aximoff, Denise Marçal Rambaldi, Carlos Frederico Duarte Rocha, Alessandro Terra e Tania Machado pelas valiosas contribuições aos textos das espécies.

Projeto gráfico e impressão financiados com recursos do Fundo Estadual de Conservação Ambiental e Desenvolvimento Urbano (Fecam)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R 585

Rio de Janeiro (Estado). Secretaria de Estado do Ambiente.
Abraça essas dez!: defenda todas as espécies ameaçadas de extinção/ Secretaria de Estado do Ambiente. --
Rio de Janeiro: SEA, 2015.

32 p. il.

1. Fauna em extinção – Rio de Janeiro (Estado). 2. Educação ambiental.
3. Conservação ambiental. I. Siqueira, Ricardo. II. Gouveia, Maria Teresa. III. Carvalho, Rafael Santos Nunes. IV. AFNATURA. Associação de Fotógrafos de Natureza. V. Instituto Biomas. VI. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. VII. Título.

CDU 504.74.052(815.3)



Muriqui (*Brachyteles arachnoides*),
o maior primata das Américas



Apoio:



Serviço de
Educação Ambiental